

"Estado de Minas", 1º-1-1981

Cordel e poesia

Euclides Marques

ANDRADE

Ar de alegria corre em "Guriatã, um Cordel para Meninos", de Marcus Accioly, "Prêmio Fernando Chinaglia", em 1979 (Editora Brasil-América, Rio).

Em verso, sílabas em ritmo corrente, o livro ilumina de infância o nordeste brasileiro, e cada adulto que o lê.

Embora não sendo a própria infância, acaba sendo ~~em~~, sim. Deixe passar a falta de lógica. Com a lógica você conquista uma cátedra — se quiser e puder — mas não conhece a verdadeira face da alegria. Com a arte do adulto, e coração do menino, Marcus Accioly tece bem as palavras do livro.

Em "Da Menina e seu Espelho", o autor fala assim: "Com sete notas de pássaro/ dentro do seu assóvio/ e um verde alguidar de louça/ a menina foi ao rio./No sabão da pedra branca/ bateu pano, lavou mágoa/ e escreveu, com os cinco dedos,/ sobre a página da água/ as vogais, as consoantes, a fácil prosa corrente/ os versos soltos na folha/ do caderno transparente./Depois de assinar o nome/sob as palavras da carta,/descobriu a própria sombra/ no espelho claro da água".

Com vários livros publicados, Marcus Accioly, do Recife, junta às inúmeras laureas já conquistadas mais esta, atual, o "Prêmio Fernando Chinaglia", que chegou para o vivo e saltitante "Guriatã".

É uma poesia de voz própria — a de Maura de Senna Pereira em "Despoemas" (Achiame, Rio, 1980). Na mesmice de alguns modismos estróficos de hoje — onde há visíveis camisas de força — é bom encontrar a personalidade viva de uma artesã, que

sabe andar no caminho que ela mesma escolhe.

A metáfora de Maura de Senna Pereira leva o leitor a uma época quando "as castanhas saltarem/festivas em todos os pratos". Apreciável, nela, é a capacidade de vislumbrar, de enxergar através da aparência, como se os olhos da poeta tivessem claros faróis de ver.

Este é o livro mais recente desta autora. Há outro, de 1978 (São José, Rio), que traz também intensa força poética. É "A Dríade e os cados". Nele, a escritora não fica boiando na superfície, feito mosca em jarra de leite.

Pelo contrário, Maura de Senna Pereira mergulha fundo e sente, muitas vezes, a pulsação ritmada do conviver humano. Assim, por exemplo, em um trecho de "Amor" (P. 21): "Em verdade te digo que não foi naquela hora/ que te pertenci:/ quando me tomaste nos teus braços poderosos/ e me tiveste sob teus beijos e tua respiração./ Em verdade te digo que não foi naquela hora/ mas quando, diante do teu, surgiu meu espírito livre e novo/ (...) Quando soubeste que nem sempre/ os teus pensamentos são os meus pensamentos/ nem os teus caminhos são os meus caminhos".

Sim, a pulsação do conviver. E não é o conviver que dá ritmo à existência?

Valdemar Cavalcanti diz de um outro livro dela: "Recebemos o mais bonito livro de poesia do ano: "País de Rosamor" de MSP. (...) É uma lástima que seja esta uma edição de luxo. "País de Rosamor" deveria estar nas mãos do povo para uma nova cira de renovação e graça".

24, 28, 5
03c0655-81.M9